



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

PERCURSOS POÉTICOS-INVESTIGATIVOS: TRAVESSIAS DOCENTES DO ENSINAR APRENDER ARTES VISUAIS NAS LICENCIATURAS EM ARTES VISUAIS

Fábio Wosniak
f.wosniak@unifap.br
UNIFAP

Tharciana Goulart da Silva
tharcianagoulart@gmail.com
UDESC

Resumo

O presente artigo apresenta as experiências docentes dos autores no ensino superior em cursos de Licenciatura em Artes Visuais em duas Universidades brasileiras, uma localizada no Sul e a outra no Norte. Ao longo do texto, são demonstradas inquietações com os modos de realizar pesquisa em artes visuais, principalmente na linha de ensino das artes visuais. Em meio a tais inquietações, as metodologias artísticas são investigadas pelos autores, objetivando construir percursos docentes poéticos, onde a prática artística seja evidenciada na formação inicial.

Palavras-chave:

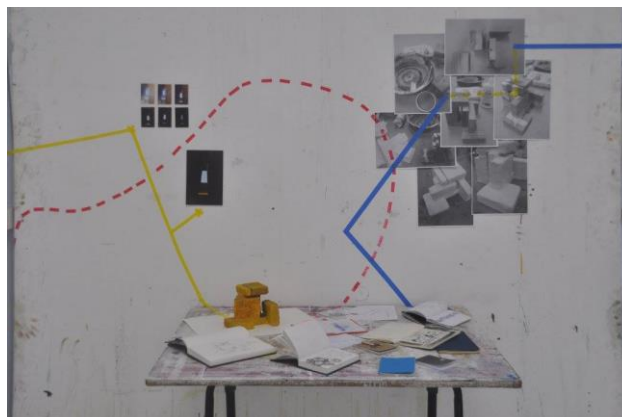
Formação inicial em Artes Visuais, professor/a artista pesquisador/a, metodologias artísticas.

Abstract

This article presents the teaching experiences of the authors in higher education in undergraduate courses in Visual Arts in two Brazilian universities, one located in the South and the other in the North. Throughout the text, they show their restlessness with the ways of doing research in visual arts, especially in the field of visual arts teaching. In the midst of such concerns, the artistic methodologies are investigated by the authors, aiming to build poetic teaching paths, where artistic practice is evidenced in initial training.

Keywords:

Initial training in Visual Arts, teacher artist researcher, artistic methodologies.





XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

Imagem 1. Defesa de Mestrado de Luciana Finco Mendonça, 2016.
Acerco do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke.

Iniciamos este texto com a imagem da defesa de uma dissertação que aconteceu em 2016, na Universidade do Estado de Santa Catarina. Nesta época, estávamos todos/as envolvidos/as em pensar formas outras de fazer pesquisa no âmbito das Artes Visuais, principalmente na linha de pesquisa que fazíamos parte – Linha de Pesquisa Ensino das Artes Visuais.

Começamos as nossas inquietações acerca do cenário e da maneira de produzir pesquisas nos mestrados e doutorados, no qual fazíamos parte, em 2014/2015, anos estes que ingressamos no Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC/CNPq). A partir de então, passamos não só a nos encontrarmos e estarmos juntos/as semanalmente, mas de pesquisar-pensar-fazer artes visuais no ateliê de pintura.

Este se tornou para nós, que no momento estávamos realizando nossos mestrados, um lugar de potência criativa, imaginativa e de fazeres. Aprendemos, principalmente, que não se dissocia o fazer do pensar e a prática artística da prática docente (DEWEY, 2010; EISNER, 1999; FREIRE, 2011). Esta noção sem fragmentações nos revelava que uma coisa nutria a outra e que eram nos interstícios que encontrávamos um sentido diferente para investigar o ensino das artes visuais.

Mas que sentido diferente seria este? Como era habitar um lugar que não se costuma habitar para fazer pesquisa sobre o ensino de artes visuais?

O sentido era o de aprender da prática artística. Investigar o artista e suas metodologias abriam caminhos que não estávamos acostumados a compreender como um percurso para a pesquisa. Não se tratava apenas de olhar para a obra e suas múltiplas possibilidades de leituras, mas de olhar para a prática do/a artista. Conforme aprendíamos a partir das leituras das obras de John Dewey (1859-1952) e da prática docente de Josef Albers (1888-1976), que aprender a partir das cores, da investigação dos materiais, de como resolver os



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

problemas que se manifestavam da escolha de materiais em consonância com os nossos desejos poéticos; era sim, diferente de investigar em outras fontes que não fossem os/as artistas e suas metodologias de trabalho.

Quanto mais nos aprofundávamos nesta maneira de investigar, compreendíamos que estávamos criando uma noção *pesquisante*, noção esta que não envolvia apenas um aglomerado de teorias para escrevermos nossas dissertações/Teses. Passamos a viver a pesquisa. O sentido de todo esse conjunto de aprendizagens, que não estão mais separados, passaram a envolver: o fazer, o sentir e o estar junto.

Certamente que habitar este espaço chamado ateliê contribuiu para compor nossas noções *pesquisantes*. Não nos víamos mais como professores de artes visuais investigando um determinado objeto. O objeto era a vida em ação, nossas angústias, desejos, alegrias e frustrações. O ateliê era um grande dispositivo que nos movimentava a todo instante a buscar outras maneiras de fazer pesquisa, de investigar com todos os instrumentos que ali estavam dispostos. Éramos convocados/as a todo momento de não apenas sentir, mas de dar sentido aos nossos processos de investigação e, todo esse “sentido” era composto por conteúdos como: “[...] o sensorial, o sensacional, o sensível, o sensato e o sentimental, junto com o sensual” (DEWEY, 2010, p. 88).

Nossas pesquisas nascem da fricção entre as nossas práticas artísticas e nossas práticas docentes. Este “entre” é um lugar para onde aprendemos a olhar e encontrar nutrição. Articular nossas práticas artísticas à docência é outra fonte de nutrição. Na medida que aprendemos a não distanciar estas duas práticas percebemos que as metodologias que nos acompanhariam, seriam justamente aquelas que tomam as artes para o seu centro – metodologias artísticas: Pesquisa em Arte, Pesquisa Educacional Baseada em Artes, Pesquisa Baseada em Arte.

Múltiplos caminhos se abrem e se conectam. Pesquisar é estar constantemente atento à nossa poética e a mestiçagem da qual estamos inseridos – docência e artística. Aprendizagens imaginantes, sentidos ou uma Educação dos sentidos.



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

Ressonâncias poéticas: experiências docentes

Este escrito nasce de uma necessidade constantemente de re-pensar as nossas práticas, principalmente a docente. Esse exercício certamente se torna mais rigoroso quando perpassa esse processo, de olhar para o que já fizemos e para onde estamos caminhando. Não é um olhar nostálgico, mas de revisitar a memória. Dos anos aqui mencionados, cada um de nós autor e autora deste texto, encontram-se atualmente em Universidades públicas como docentes na Licenciatura em Artes Visuais, um concluiu o doutorado (2019) e a outra em fase de conclusão (2022). Nossas práticas artísticas envolvem: coleção, arquivo, colagem, monotipia e cianotipia.

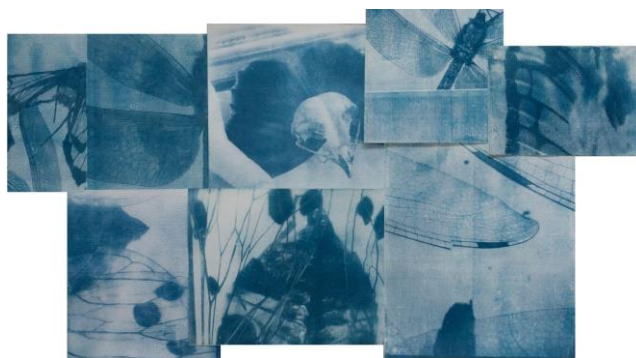


Imagem 3 e 4. Colagem. Fábio Wosniak, 2020. S/t. Cianotipia.
Tharciana Goulart da Silva, 2017. Acervo dos autores.

Passamos agora a apresentar ao leitor/a algumas experiências do nosso percurso como docentes na Licenciatura em Artes Visuais nas Universidades nas quais atuamos, e também, como as nossas práticas – artísticas e docentes –, possibilitam criar nossos planejamentos tomando a/o artista como referência.

He·mis·fé·ri·o

Escolhi a metáfora do hemisfério por justamente estar em uma cidade que é cortada pela linha do equador. Vivemos aqui entre os dois hemisférios – Norte e



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

Sul. Interessante pensar este entre – Sul e Norte, linha divisória do globo terrestre e também do cérebro. Distanciando-se do que nos ensina a Geografia e a Anatomia, quero pensar o hemisfério na sua forma poética e, voltar para o que havia sendo tensionado no começo deste texto. Viver entre, Norte e Sul, práticas artísticas e docentes, habitar a pesquisa de forma criativa, inventiva e pautada nas metodologias artísticas e o que elas têm revelado para o campo da Arte Educação.

Como docente na Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Amapá – na Disciplina de Pesquisa em Arte I e nos projetos de pesquisa e extensão que tenho coordenado¹, neste primeiro semestre de 2022, as investigações estão centradas nos seguintes aspectos:

- Na Disciplina de Pesquisa em Arte I: convocar os/as estudantes a perscrutarem uma pesquisa a partir das suas práticas artísticas, ou seja, exercitar um pensar-fazer sobre a sua poética.
- Na pesquisa: investigar a prática artística contemporânea.
- Na extensão: experimentar a prática artística. Entender esse espaço/tempo como um lugar de potencializar um fazer-pensar.

Certamente que esta é uma divisão didática, pois ensino, pesquisa e extensão estão amplamente conectados e onde um começa o outro não termina, existe um fluxo entre essa tríade. Um nutre constantemente o outro.

No percurso da Disciplina tenho apresentado as metodologias artísticas de pesquisa, principalmente a Pesquisa em Arte e a A/r/tografia (IRWIN; DIAS, 2013). Tendo em vista que se trata de uma Licenciatura, a A/r/tografia tem ocupado um espaço maior nas discussões.

Durante as aulas buscamos compreender como o/a artista constrói a sua metodologia de trabalho. Este estudo envolveu assistir aos vídeos dos artistas, ler seus escritos e entrevistas, como também convidá-los/as para realizarem aulas abertas no percurso das disciplinas. Acreditamos que este contato direto



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

com o/a artista é parte fundamental. Estar com o/a artista é tornar possível a construção de outras formas de saberes e de fazer pesquisa.

Artistas que compuseram estes momentos das aulas: Rosana Paulino, Eduardo Berliner, Tharciana Goulart da Silva e Marta Facco. Essas duas últimas com participação ao vivo com os/as acadêmicos/as.

Após estes momentos de investigações sobre a prática artística, os/as estudantes receberam um conjunto de perguntas, um primeiro mapeamento para um projeto poético:

1. Qual seu Tema?
2. Qual seu Assunto?
3. Qual a linguagem que pretende utilizar? E os materiais?
4. Quais os procedimentos que possivelmente serão necessários?
5. Quais as palavras-chave de seu trabalho?
6. Quais as referências teóricas que você pretende buscar?
7. Já leu ou pesquisou sobre o assunto ou tema que está propondo?

As perguntas serviram como mapeamento de problemas a serem resolvidos. Um encaminhamento na maneira de pensar, tendo em vista que muitos não sabiam por onde começar a investigação.

Atualmente o percurso investigativo ainda se encontra em construção, mas já é possível vislumbrar alguns trabalhos e seus temas, como por exemplo: práticas de autorretrato utilizando monotipia com tinta óleo, pesquisa sobre arqueologia dos afetos com objetos, performance tematizando o vazio, jogos a partir de observações em escolas de educação básica, fotografias de expressões e desenhos.

Muitos destes trabalhos ganharam potência quando alguns dos/as estudantes passaram a integrar a extensão. Durante este primeiro semestre de 2022, o projeto de extensão Apotheke em dissidência, ofereceu minicursos (Colagem e



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

Monotipia com tinta óleo), aulas abertas (Pensar pintura, Antotipia: entre arte e docência e Artista professor pesquisador), encontro com artista (Rafael Bqueer) e uma série de encontros intitulado conversações: I - A Construção e a Poiesis do/a Pesquisador/a em Arte Educação e Conversações II - Pensamentos Dissidentes na Arte e seu Ensino, uma parceria interinstitucional entre UNIFAP, URCA e UFPI.

A ideia é a de pensar momentos que possam repertoriar as pesquisas dos/as estudantes, estar em contato com aqueles/as que realizam no cotidiano de suas vidas, como artistas professores/as pesquisadores/as, uma articulação entre estes dois fazeres. Evidenciando que esta é uma construção possível.

Partimos do seguinte pressuposto: se aprende arte fazendo arte. A aprendizagem acontece impulsionada pela educação dos sentidos, entendidos como encontros ativos, vivos, criativos. Desafiamos a passividade e rigidez das pesquisas em uma educação dos sentidos na perspectiva da arte como experiência (DEWEY, 2010); isso faz brotar re-formulações acerca da nossa atuação não apenas como futuros professores de artes visuais, mas a nossa atitude diante do mundo. A formação não é entendida apenas no âmbito da profissão, mas da vida como um todo. O re-encontro com o fazer estético-artístico resulta de uma experiência sensível que propicia aberturas para outras experiências, esta inclui travessias criativas, onde a capacidade de perceber e questionar o mundo e a si mesmo é potencializada.

Este é o caminho a ser percorrido nesta perspectiva de ensinar aprender artes visuais, desafiar e interrogar as certezas, colocar dúvidas, exigindo a criação, onde cada um descobre sua linguagem própria, ou, como tenho preferido chamar, sua linguagem imaginante.

Coletas docentes

Como professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEART-UDESC) tenho atuado



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado IIIⁱⁱ, Estágio Curricular Supervisionado IV e História e Teorias do Ensino de Arte. Ambas disciplinas dispõem de carga horária teórica e práticaⁱⁱⁱ. Nos estágios a prática se volta à investigação e atuação pedagógica, em História e Teorias do Ensino de Arte à pesquisa junto de professores atuantes nas unidades escolares.

Ao longo dos anos tenho percebido que no contexto dessas disciplinas ainda rondam alguns estereótipos. Nos estágios nota-se a problemática da disciplina ser vista muitas vezes apenas como um exercício instrumental ou reprodutivista, descolado de um praticar e pensar artístico e de teorias que fundamentam a ação pedagógica. Em História e Teorias do Ensino de Arte, o estereótipo se volta à prática docente, onde a observação desta prática deve ser bem trabalhada para que não haja uma percepção de descolamento do que se estuda e do que se vive na escola.

Na busca de desenvolver pesquisas que intentam quebrar esta lógica de pensamento, tenho realizado distintos Projetos Poéticos Pedagógicos, tais como o projeto “Coletas Docentes” (disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III) projeto “Ver.be.tes”^{iv} (disciplina de Estágio Curricular Supervisionado IV) e projeto “Carta a um/a professor/a de arte: desejos, receios e questionamentos”^v (vinculado a disciplina de História e Teorias do Ensino de Arte). Nestes projetos, a percepção direciona-se ao agir e ao sentir, à interação entre a prática artística e a prática pedagógica, compreendendo que nos situamos em um curso de Licenciatura em Artes Visuais e que o criar está diretamente relacionado ao viver.

Por uma questão de espaço limitado de escrita, escolho discorrer brevemente sobre a experiência do projeto “Coletas Docentes” decorrente da disciplina Estágio Curricular Supervisionado III e realizado no ano de 2019.

O Projeto Poético Pedagógico “Coletas Docentes” teve como objetivo a articulação de práticas artísticas e pedagógicas nos momentos de observação e atuação no espaço escolar. Em sala de aula da Universidade, anteriormente às observações e atuações nas escolas, os/as estudantes foram apresentados ao projeto. Discutimos sobre o que o/a artista e o/a professor/a guardam e como



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

isso influencia sobre suas obras e planejamentos de ensino. Entre as referências foram apresentados as exposições *Magnificent Obsessions: The Artist as Collector*^{vi}, realizada na galeria Barbican (Londres) no ano de 2015 e *Doador da artista* e professora Elida Tessler, realizada em 1999 na 2ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre/RS).

Os/as estudantes foram convidados a levar para sala de aula o que guardavam ou colecionavam. Montamos uma mesa com esses objetos e a partir da observação e discussão sobre os fazeres colecionistas foram delineadas as seguintes questões: como podemos traçar um percurso sensível de coleta durante a atuação na escola? O que chama a atenção nesse espaço? Como as coletas podem ampliar a reflexão sobre a prática docente? O que um/a professor/a de Artes Visuais coleta? Que caminhos constituem suas pesquisas e como isso pode relacionar-se a uma prática de coleta? Onde o/a professor/a de artes visuais guarda suas coletas?

Partindo destas questões os/as estudantes foram desafiados a perceber a escola de outros modos, procurando exercitar o olhar além de uma observação analítica que se situa distante do contexto, que não interage ou cria a partir dele. Buscou-se identificar o que nesse espaço interessa e pode ser coletado. Foram entregues os seguintes objetos que, de certo modo, implicavam sobre o que coletar: um pequeno vidro (3 cm) de tampa de rolha, um envelope tamanho A5, um envelope tamanho A6, um saquinho plástico com fecho *ziplock* e um saquinho de plástico tamanho A5. As coletas foram realizadas durante os períodos de observação e atuação nas escolas.

Ao final das atuações, as coletas foram apresentadas em sala de aula. Nesta apresentação foi possível refletir sobre o processo artístico na docência e desenvolver as relações entre estágio e pesquisa compreendendo as especificidades das artes visuais. Entre os objetos coletados, os estudantes apresentaram sons, imagens, materiais escolares, materiais usados nas observações e preparações de aulas, desenhos, fotografias, palavras, plantas, etc. As coletas versaram sobre seus interesses e suas identificações com o



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

espaço escolar. Houve um movimento de interação o qual revelou uma percepção subjetiva sobre o modo de ver a escola, criar a partir dela e com ela.

Com a realização deste projeto, compreendeu-se que “O processo criativo pode ser ativado pela docência, ou a docência ativada pelo processo criativo.” (LAMPERT; WOSNIAK, 2019, p. 5). O desenvolvimento da proposição possibilitou aos estudantes um olhar sobre suas práticas, seus interesses e seus modos de recolher e acolher a escola. Neste sentido, houve um tensionamento da práxis artística e pedagógica que evidenciou que o estágio é permeado pela subjetividade docente e vai além de uma “aplicação” no ambiente escolar do que se aprende na Graduação. É necessário construir as próprias histórias, os próprios trajetos, e isso é possível quando arte e educação não são apenas pensadas em atravessamento, mas vividas.

Ensaio para novas travessias

Como um trabalho sempre em processo, este texto buscou apresentar ao leitor alguns percursos realizados por dois professores artistas pesquisadores, que iniciaram suas incursões *pesquisantes* a partir de suas práticas artísticas. Foi neste caminhar que encontramos articulações que sustentam a nossa docência.

Compartilhar este escrito nos possibilitou olhar para as nossas práticas e, nos assegurarmos que este caminho tem nos nutrido e nutrido os/as acadêmicos que por nossas aulas tem passado. É possível ver neles/as um desejo em avançar nas suas poéticas, compreendem cada vez mais que para ser professor/a de Artes Visuais, não significa abandonar um fazer poético, nem o desejo de serem artistas.

Contudo, pensando em responder de forma mais objetiva as perguntas que provocaram a escrita deste artigo: Mas que sentido diferente seria este? Como era habitar um lugar que não se costuma habitar para fazer pesquisa sobre o ensino de artes visuais? Arriscamos dizer que tudo se refere aos modos de fazer pesquisa. Partir do trabalho do/a artista tem sido a "grande" pista para os nossos



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

planejamentos. Outras pistas tem sido aprender a abandonar algumas matrizes convencionais: a escrita em terceira pessoa, as escritas nos formatos exigidos pela Universidade, as imagens em anexo, suas tabelas indicativas e como ilustração do texto, entre outros obstáculos que vamos superando. E sempre nos lembrando de que: se aprende arte fazendo arte.

BIBLIOGRAFIA

EISNER, E. W. Does experience in the arts boost academic achievement? Jstor, v. 72, n. 3, p. 143-149, 1999. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/30189431?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 28 nov. 2017.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, B.; IRWIN, R. (Orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.

LAMPERT, Jocielle; WOSNIAK, Fábio. Pesquisa em Arte e Arte Educação. Revista Palíndromo, Florianópolis, v. 11, n. 25, p. 7-9, set/dez, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/16010>. Acesso em: 10 maio 2020.

MINI-CURRÍCULO

Fábio Wosniak é doutor e mestre em Artes Visuais (PPGAV/UDESC). Atua como professor e Vice coordenador na Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá. Líder do Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas



XXXI CONFAEB

O invisível não é irreal: é o real não percebido.
Por uma Arte/Educação sensível

Artes Visuais (UNIFAP/CNPq), coordena o Projeto de extensão Apotheke em dissidência (UNIFAP). f.wosniak@unifap.br.
<http://lattes.cnpq.br/6525393533253057>.

Tharciana Goulart da Silva é doutoranda e mestre em Ensino das Artes Visuais (PPGAV/UDESC), graduada no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UDESC (2015). Atua como professora substituta no Centro de Artes da UDESC, no curso de Licenciatura em Artes Visuais. tharcaianagoulart@gmail.com Site: <https://www.tharcianagoulart.com/>

ⁱ Projeto de Pesquisa: Processos de criação e docência: experiências dissidentes: ensinar/aprender artes visuais na perspectiva do artista/professor/pesquisador. Projeto de extensão Apotheke em dissidência. Ambos os projetos são coordenados pelo Prof. Dr. Fábio Wosniak.

ⁱⁱ O curso de Licenciatura em Artes Visuais – UDESC conta com 400 horas de estágio curricular supervisionado, sendo dividido nas seguintes disciplinas: Estágio Curricular Supervisionado I (4ª fase, com foco em Educação Infantil), Estágio Curricular Supervisionado II (5ª fase, com foco em Ensino Fundamental – Anos Iniciais), Estágio Curricular Supervisionado III (6ª fase, com foco em Ensino Fundamental – Anos Finais) e Estágio Curricular Supervisionado IV (7ª fase, com foco em Ensino Médio e EJA).

ⁱⁱⁱ História e Teorias do Ensino de Arte: 52 horas teóricas e 20 horas práticas; Estágio Curricular Supervisionado III: 94 horas teóricas e 50 horas práticas; Estágio Curricular Supervisionado IV: 94 horas teóricas e 50 horas práticas.

^{iv} Este projeto culminou em uma exposição na Galeria Jandira Lorenz do CEART-UDESC. Devido a pandemia de Covid-19, a mostra foi realizada virtualmente e encontra-se disponível no link: <https://galeriajandiralorenz.wixsite.com/verbetes>.

^v O projeto “Carta a um/a professor/a de arte: desejos, receios e questionamentos” está sendo transformado em um livro que em breve será publicado junto à editora da UDESC.

^{vi} A exposição, que contou com o trabalho de 15 artistas, foi pensada de modo a não expor apenas as obras dos/as artistas, mas suas coleções. Desse modo, criou-se uma referência entre o que eles/as colecionavam e como isso influenciava ou aparecia na criação de suas obras. Os espaços dos estúdios desses/as artistas foram recriados, evidenciando um diálogo entre os objetos armazenados e os processos criativos desenvolvidos.